

## Rua e escola: palavra, palavrão

### Street and school: word, swear word

### Calle y escuela: palabra, palabrota

Cilene Maria Valente da Silva<sup>1</sup>

Lorena Bischoff Trescastro<sup>2</sup>

**Resumo:** O trabalho tem por objetivo analisar representações do uso do palavrão nas relações em interações entre jovens de três turmas do ensino médio em uma escola da rede pública de Belém do Pará. A metodologia inclui aplicação de questionário, diálogo com os sujeitos envolvidos e elaboração de glossário, durante as aulas de Sociologia. Fundamentado em Arendt (1999) e Bakhtin (2000, 2008), este estudo problematiza o uso do palavrão como fonte de conflitos na convivência escolar. Na análise, observou-se que os jovens se posicionaram de maneira crítica e não preconceituosa no uso de palavrão na linguagem em uso na escola e fora dela.

**Palavras-chave:** Palavrão; Ensino médio; Representação.

**Abstract:** The objective of this work is to analyze representations of the use of profanity in relationships and interactions between young people from three high school classes in a public school in Belém do Pará. The methodology includes the application of a questionnaire, dialogue with the subjects involved and the elaboration of a glossary, during sociology classes. Based on Arendt (1999) and Bakhtin (2000, 2008), this study problematizes the use of swear words as a source of conflicts in school life. In the analysis, it was observed that young people took a critical and non-prejudiced position in the use of profanity in the language used at school and outside of it.

**Keywords:** Bad word; High school; Representation.

**Resumen:** El objetivo de este trabajo es analizar las representaciones del uso de blasfemias en las relaciones e interacciones entre jóvenes de tres clases de secundaria en una escuela pública de Belém do Pará. La metodología incluye la aplicación de un cuestionario, diálogo con los sujetos involucrados y la elaboración de un glosario, durante las clases de sociología. Con base en Arendt (1999) y Bakhtin (2000, 2008), este estudio problematiza el uso de malas palabras como fuente de conflictos en la vida escolar. En el análisis se observó que los jóvenes tomaron una posición crítica y desprejuiciada en el uso de blasfemias en el lenguaje utilizado en la escuela y fuera de ella.

**Palabras clave:** Mala palabra; Escuela secundaria; Representación.

## Introdução

A linguagem espontânea usada por jovens em sala de aula e no convívio social em relações interpessoais estabelecidas no cotidiano inclui o uso de palavrão. Dentre outros contextos, essa maneira de se expressar, fora da escola, ocorre tanto em situações de grande emoção, quanto em situações de jogos em atividades de lazer e em situações conflituosas entre as pessoas. Tais usos de palavrão podem se constituir, para além do uso de linguagem informal,

<sup>1</sup> Secretaria de Estado de Educação do Pará.

<sup>2</sup> Centro de Educação Profissional Getúlio Vargas.

como uma ofensa linguística e/ou como uma manifestação de violência. Em nossa prática docente, temos observado o intenso uso de palavrões no cotidiano pelos jovens na linguagem escolar, no entanto, o papel da educação escolar é trabalhar a palavra em língua portuguesa observando a linguagem culta.

O presente estudo, fundamentado em Arendt (1999) e Bakhtin (2000, 2008), tem por objetivo analisar representações do uso do palavrão nas relações em interações entre jovens de três turmas do ensino médio em uma escola da rede pública de Belém do Pará. A metodologia utilizada inclui aplicação de questionário, diálogo com os sujeitos envolvidos e elaboração de glossário, durante as aulas de Sociologia, problematizando o uso do palavrão como fonte de conflitos na convivência escolar. Nas discussões realizadas, para além de considerar o uso do palavrão na perspectiva moral ou como um tabu e seguir somente reprimindo a linguagem dos estudantes no ambiente escolar, a opção foi transformar a questão em situação problema, investigando e analisando o intenso uso do palavrão e seus pontos de conflitos entre rua e escola.

O que motivou a investigação foi a expressiva incidência do uso do palavrão na linguagem dos estudantes do ensino médio. Sem considerar o uso do palavrão na perspectiva da moralidade ou como um tabu e seguir reprimindo a linguagem dos alunos no ambiente escolar, como sendo um local de excelência que simplesmente necessita de um vocabulário acadêmico, na coleta de dados, criou-se condições, mediante a abordagem do tema em sala de aula, que problematizassem o intenso uso do palavrão e as representações que ele assume nas relações em interações que os alunos estabelecem no ambiente de educação formal e suas relações como a rua, como o lugar que se materializa o mundo que precede a leitura e o uso das palavras.

O Dicionário Online do Português (2019, [n. p.]) atribui o seguinte significado para palavrão: “Palavra obscena, grosseira ou pornográfica, cujo uso pode ofender a quem dela é alvo; palavrada”. Para investigar o tema, foram elaboradas as seguintes questões norteadoras: por que os jovens usam o palavrão em suas interações sociais no ambiente escolar? Qual o sentido do uso do palavrão na linguagem proferida pelos estudantes no ambiente escolar?. A população investigada foi 90 estudantes que compõem três turmas do 1º ano do ensino médio em uma escola localizada na região norte do país, em Belém do Pará.

A metodologia utilizada se constituiu, inicialmente, pela problematização da incidência do uso de palavrão pelos jovens, mediante o diálogo estabelecido entre professora e estudantes e dos estudantes entre si; elaboração e aplicação de questionário nas turmas, para o levantamento do uso de palavrão na linguagem dos jovens na escola e fora dela, em seguida foi

feita a tabulação e análise dos dados coletados no questionário, a divulgação dos resultados aos estudantes em sala de aula e escuta da palavra do outro e de seus sentimentos em relação às palavras proferidas em diferentes situações de uso; elaboração do glossário dos sentimentos de quem escuta o palavrão, leitura em voz alta do texto sobre o uso do palavrão, constituindo um auditório social de escuta da palavra do outro e reflexão acerca dos usos do palavrão em determinados contextos.

Para fins de apresentação, o artigo foi organizado em três seções. A primeira seção traz as escolhas metodológicas com a contextualização: lócus da pesquisa, sujeitos envolvidos e procedimentos de coleta e análise de dados. A segunda seção abordou os fundamentos da pesquisa, mais precisamente as abordagens de Arendt (1999) e Bakhtin (2000, 2008) e sua aplicação no contexto da pesquisa em aulas de sociologia no ensino médio, focando a violência no dia a dia das pessoas a partir da incidência do uso de palavrão na escola. Na terceira seção, foram apresentadas a análise e a discussão dos dados, buscando evidenciar as representações do uso do palavrão em interações entre estudantes das três turmas do ensino médio participantes da pesquisa.

### **Escolhas metodológicas**

A pesquisa de cunho qualitativo ocorreu no período de 05 de outubro a 30 de novembro de 2022, compreendendo dois meses de trabalho nas aulas semanais de Sociologia, totalizando uma carga horária 14 horas/aula. A população investigada envolveu 90 estudantes, na faixa etária de 15 a 18 anos, de três turmas do ensino médio da Escola Estadual Pedro Amazonas Pedroso, localizada no bairro do Souza, em Belém do Pará.

A coleta dos dados, para fins de análise, se deu mediante a aplicação de um questionário, cuja elaboração e definição das questões teve a participação dos estudantes. O questionário foi elaborado, coletivamente, no diálogo estabelecido entre professora e alunos e alunos entre si, em uma roda de conversa sobre os diversos conflitos entre estudantes em sala de aula e entre estudantes de outras turmas da escola, destacando o uso de palavrão e a entonação de voz como ofensa linguística enquanto manifestação da violência.

O questionário, com sete questões fechadas, buscou coletar as seguintes informações: (1) qual é sua idade?; (2) indique seu gênero; (3) no seu dia a dia, você escuta palavrão?; (4) o palavrão que você mais escuta é dito por quem?; (5) quem você mais ouve falar palavrão para você?; (6) qual é o local onde você mais escuta palavrão?; (7) você já buscou explicação sobre

o significado do palavrão?. A aplicação do questionário impresso foi realizada nas três turmas, cujas respostas foram dadas individualmente, totalizando 90 questionários respondidos.

Após a aplicação do questionário, foi feita a tabulação dos formulários com os alunos, identificando a incidência e a frequência das respostas, conforme os dados coletados nos questionários; a análise das respostas para identificar as representações do uso do palavrão entre os jovens; a sistematização e apresentação dos resultados aos estudantes em sala de aula, quando puderam se deparar com sua palavra e a palavra dos outros.

Por fim, para compor o glossário dos sentimentos, foi proposto aos estudantes que escrevessem os sentimentos vivenciados ou possíveis com o uso e escuta de palavrão em diferentes situações do cotidiano e na escola e compartilhassem suas respostas com os colegas.

### **Aportes teóricos**

Para Bakhtin, a língua não pode ser tratada como algo construído no campo da abstração, mas como um constructo “concreto”, “vivo”, “polifônico”, cuja linguagem é constituída a partir de uma multiplicidade de vozes, marcada pela alteridade, construída pelo dialogismo no sentido da formação da consciência humana e da subjetividade (Bakhtin, 2000, 2008).

O dialogismo é característica essencial da linguagem e elemento constitutivo do enunciado. Para Bakhtin (2000, p. 282), na construção de sentidos, “a língua penetra na vida através de enunciados concretos que a realizam, e é também através de enunciados concretos que a vida penetra na língua” (BAKHTIN, 2000, p. 282). Entende-se, então, que o uso de palavrão pelos jovens em seus enunciados é uma evidência da dinamicidade e do dialogismo na língua portuguesa.

Segundo Bakhtin (2008), todo discurso é polifônico porque marcado por uma multiplicidade de vozes que se entrelaçam. A polifonia discursiva é usada justamente para caracterizar os enunciados em que há um entrecruzamento de vozes, por serem constituídos nos diálogos do que foi dito antes e no que será dito depois. De modo que o conceito de discurso polifônico se vincula ao princípio dialógico.

Bakhtin (2000, 2008) concebe tanto a dialogia como princípio constitutivo da linguagem e condição de construção de sentido de todo discurso, quanto a polifonia, como um efeito de sentido decorrente de procedimentos discursivos ligados a outros discursos que os antecederam. Nesse sentido, percebe-se, como inerente a toda criação discursiva, o princípio dialógico instaurado na interação entre sujeitos, pelo embate de muitas vozes sociais que se deixam

entrever nas diferentes manifestações verbais, dentre as quais se inserem os enunciados usados pelos jovens com uso de palavrão na escola e no cotidiano.

Segundo Bakhtin (2000), os indivíduos se constituem na relação com a alteridade. O conceito de alteridade pressupõe a atitude responsiva em que o ser se reflete no outro, refrata-se. O sujeito se constitui e se modifica, constantemente, a partir do discurso do outro. Quer dizer que o discurso se constrói socialmente, nas interações, nas trocas sociais que incluem o uso das palavras. Isso nos faz refletir sobre o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, dizeres, visões de mundo, consciência, afirmações etc. se constituem nas relações dialógicas estabelecidas com outros sujeitos. Assim, alteridade é fundamento da identidade, ou seja, na concepção bakhtiniana, o sujeito existe a partir do discurso do outro.

Para Oliveira (2018, p. 174), o essencial da relação de alteridade é a “garantia do espaço de dizer e de ser ouvido, é a presença de mais de uma consciência, de mais de um ponto de vista, sem a desqualificação do outro”. A construção dos valores da sociedade e do grupo social, em quaisquer esferas da atividade humana, como é a escola, não são inventados, nem produtos de construções abstratas, são oriundos de discursos concretos, proferidos e multiplicados pelos sujeitos, em uma construção social. Para a autora, os valores surgem dos diferentes tipos de relações sociais estabelecidas entre os sujeitos na vida cotidiana, contribuindo na construção dos valores que organizam os sistemas culturais, científicos, políticos, artísticos, educacionais, dentre outros.

Focando o mal de Eichmann, que foi um dos principais colaboradores de Hitler, acusado pela morte de inúmeros judeus, Arendt (1999) aponta que o mal praticado não era um mal demoníaco, mas um mal constante que fazia parte da rotina dos oficiais nazistas como instrumento de trabalho. Segundo a autora, a banalidade do mal ocorre porque o mal passa a ser comum de ser praticado. Durante o seu julgamento, pautado na justificativa de que cumpria ordens, Eichmann não se considerou culpado pelos crimes cometidos, segundo as leis vigentes naquele período. “Ele sempre dizia que seguia o certo, seguia o governo e as leis do estado, por isso acreditava em sua inocência” (BOTELHO, 2022, p. 2).

Arendt defende a ideia de que o problema de usar esse argumento como justificativa poderia provocar a ascensão a regimes totalitários e a banalização da razão e coerência do ser humano. “Eichmann era obcecado por poder e ascensão social, faria qualquer coisa para ser reconhecido e ter sucesso, mas esse desejo de sucesso é o que levaria a praticar o mal. Era por essa razão que ele deveria ser punido” (BOTELHO, 2022, p. 2). Essa racionalidade não era uma

racionalidade favorável para a coletividade, baseada no bem-estar do outro e sensível ao seu sofrimento. Essa racionalidade não era avaliativa, fruto de um olhar ativo e sensível, e nem refletida no bem-estar comum.

Segundo Arendt (1999), o mal é banal quando os indivíduos pensam sem as devidas reflexões, sem apreciações ou análises. Assim, os indivíduos que não pensam em direção ao ambiente público, não se preocupam em pensar coletivamente. Sem pensar no outro, não é possível criar a empatia, como percepção da dor do outro e suas reações em diferentes situações.

Em contraponto, se faz necessário criarmos um contra discurso a questões em que o mal passa a ser banal, como é o caso das ofensas linguísticas e da violência expressa e provocada pelo uso recorrente de palavrão na linguagem coloquial. Arendt (1999) mostra os dois lados da razão: uma baseada na lógica e reflexão que sustenta o bem no próprio indivíduo; e outra em que a razão não é favorável para a coletividade, como mostrado no discurso de Eichmann.

Por essa razão, Arendt (1999) destaca a liberdade do indivíduo para tomar outra decisão, que não expressa o mal banal. Essa decisão estaria fundamentada e advinda de reflexão, de conhecimento, de uma racionalidade que visa o interesse comum e o bem-estar da coletividade. A racionalidade, pautada na coletividade, cria a possibilidade da reflexão, da compreensão, do conhecimento do ser humano e da percepção dos sentimentos humanos, envolvendo a honestidade e a liberdade. “Essa forma de pensamento seria uma maneira de combater os regimes totalitários e o mal banal” (BOTELHO, 2022, p. 3).

Buscamos apresentar aqui os fundamentos da pesquisa, mais precisamente as abordagens de Arendt (1999) e Bakhtin (2000, 2008), tendo em vista sua aplicação no contexto da pesquisa em aulas de Sociologia no ensino médio, focando a violência e a banalização do mal no dia a dia das pessoas a partir da incidência do uso de palavrão na escola, mas também a possibilidade de se criar outra racionalidade, baseada na coletividade, a partir do diálogo crítico e reflexivo.

## **Resultados e discussões**

A investigação se desdobra no contexto da educação formal, na modalidade ensino médio, mais precisamente em turmas do 1º ano, que apresentam recorrentes conflitos atribuídos ao uso do palavrão nas suas interações sociais no ambiente escolar. Isso coloca em evidência que esse tipo de discurso faz parte da linguagem cotidiana dos jovens. Com isso, do ponto de vista educativo, observou-se a necessidade de se realizar um trabalho que possibilitasse a

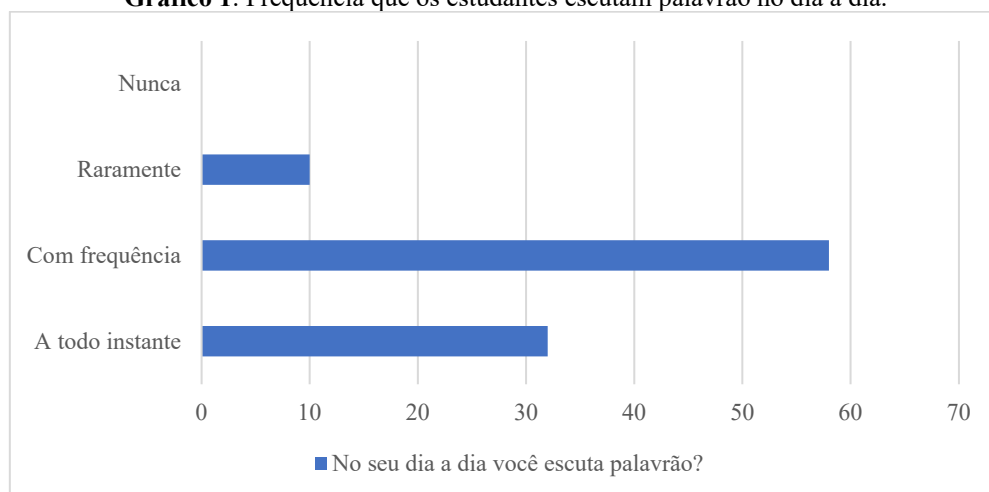
intervenção de professores e coordenadores para refletir, mediar e conter as situações de conflito.

Com o objetivo de analisar representações do uso do palavrão nas interações entre jovens de três turmas do ensino médio em uma escola da rede pública de Belém do Pará, foi feita a aplicação de questionário, diálogo como os sujeitos envolvidos e elaboração de glossário, durante as aulas de Sociologia. Tais práticas discursivas se baseiam em Bakhtin (2000), para o qual o sujeito se constitui e se modifica em interlocução com o discurso do outro.

A população investigada foi de 90 estudantes que compõem três turmas do ensino médio em uma escola localizada na região norte do país, em Belém do Pará. Com base nos dados coletados, quanto ao perfil dos estudantes, 58% informaram ser do gênero feminino e 42% do gênero masculino, sendo o gênero feminino predominante nas três turmas do 1º ano do ensino médio na escola em que se deu a pesquisa. Em relação à faixa etária, a idade dos alunos é de 15 a 18 anos, sendo que 23% informaram ter 15 anos; 24%, 16 anos; 26% indicaram ter 17 anos; e 24%, 18 anos de idade.

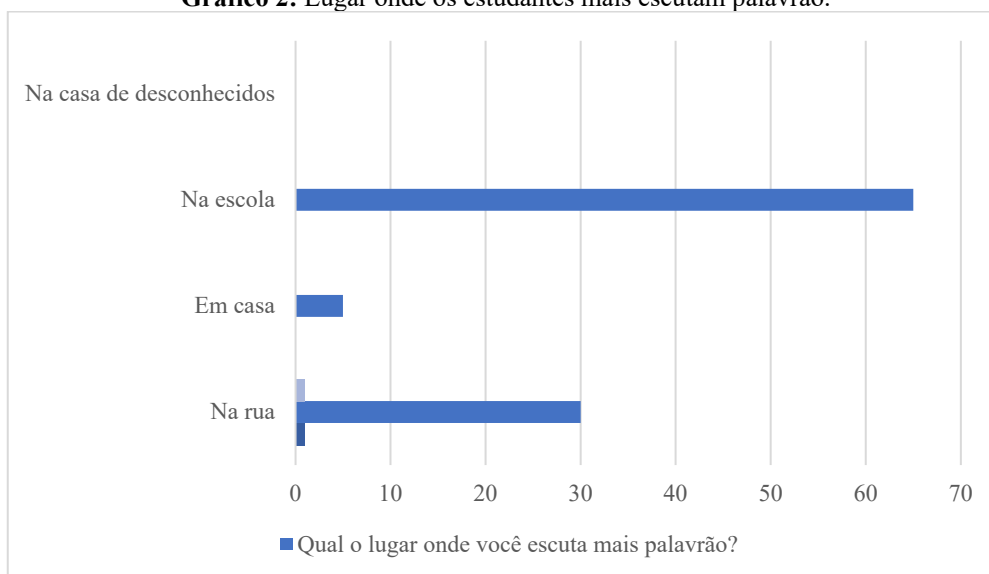
As questões norteadoras da investigação foram duas. Com a primeira procurou-se verificar ‘Por que os jovens usam o palavrão em suas interações sociais no ambiente escolar?’ e com a segunda, interligada à primeira, buscou-se apontar ‘Qual o sentido do uso do palavrão na linguagem proferida pelos estudantes no ambiente escolar?’. Para isso, foram apresentadas a análise e a discussão dos dados, expostos em cinco gráficos elaborados no Excel, buscando evidenciar as representações do uso do palavrão nas interações entre os estudantes.

Uma das questões do questionário foi constatar a frequência que os estudantes escutam alguém proferir palavrão no dia a dia, incluindo a rua e a escola (Gráfico 1). Em suas respostas observa-se que a exposição a esse tipo de linguagem é elevada, pois 32% dos estudantes indicaram que escutam palavrão a todo instante e 58% dos estudantes com certa frequência; sendo que apenas 10% mencionaram raramente e nenhum aluno informou nunca (0 %).

**Gráfico 1:** Frequência que os estudantes escutam palavrão no dia a dia.

Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre os lugares onde os estudantes mais escutam palavrão, destacou-se a escola com 65% das respostas dadas e a rua com 30% (Gráfico 2). Isso coloca em destaque o uso frequente do uso de palavrão nestes dois locais, onde, provavelmente, eles se sentem mais à vontade para se expressar e também onde se observa uma vivência maior em agrupamento de jovens, ou seja, locais em que as interações ocorrem entre jovens da mesma faixa etária e os conflitos sociais são mais frequentes também. Em casa, os alunos informaram apenas 5% da escuta de palavrão e indicaram não escutarem esse tipo de linguagem na casa de desconhecidos, onde o grau de intimidade é menor. Nestes dois ambientes, parece haver uma regulação maior do tipo de linguagem usada pelos jovens.

**Gráfico 2:** Lugar onde os estudantes mais escutam palavrão.

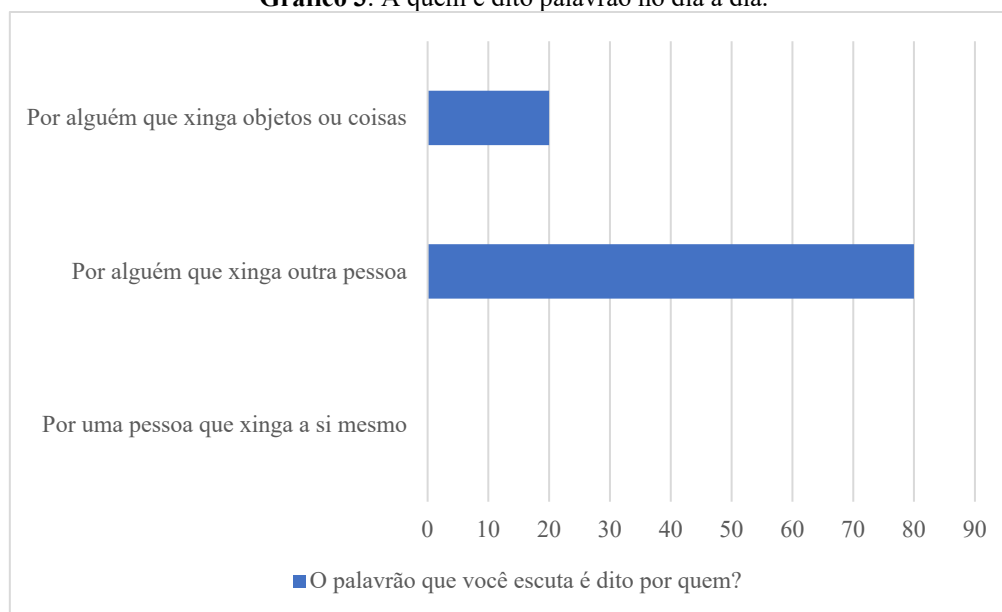
Fonte: Dados da pesquisa.



Como se vê no Gráfico 2, é na escola onde os estudantes dizem que mais escutam palavrão. Sendo assim, não é na rua ou em casa que mais escutam palavrão como, geralmente, professores e coordenadores enunciam como hipótese para a incidência de verbalização de palavrão por parte dos alunos. É na escola, lugar de socialização e convivência entre os jovens, em que as interações são mais intensas, onde ocorrem ofensas linguísticas e há manifestações de violência, portanto, é na escola onde esse uso passa a ser banalizado e aí que tal discussão se faz necessária, considerando que o mal é banal quando os indivíduos pensam sem as devidas reflexões, sem apreciações ou análises (Arendt, 1999).

Fundamentado em Bakhtin (2000), todo sujeito se constitui a partir do discurso do outro. Quer dizer que o discurso se constrói socialmente, nas interações sociais que incluem o uso das palavras e dos palavrões. Com a questão: ‘Geralmente o palavrão que você mais escuta é dito por quem?’, pode-se constatar que a maioria dos xingamentos se dirigem a outras pessoas. Tais xingamentos se caracterizam por ofensas linguísticas decorrentes de possíveis conflitos, porque nenhum estudante informou escutar uma pessoa xingar a si mesmo e apenas 20% afirmou ter ouvido alguém xingar objetos e coisas que o cercam, como mostrado no Gráfico 3.

**Gráfico 3:** A quem é dito palavrão no dia a dia.



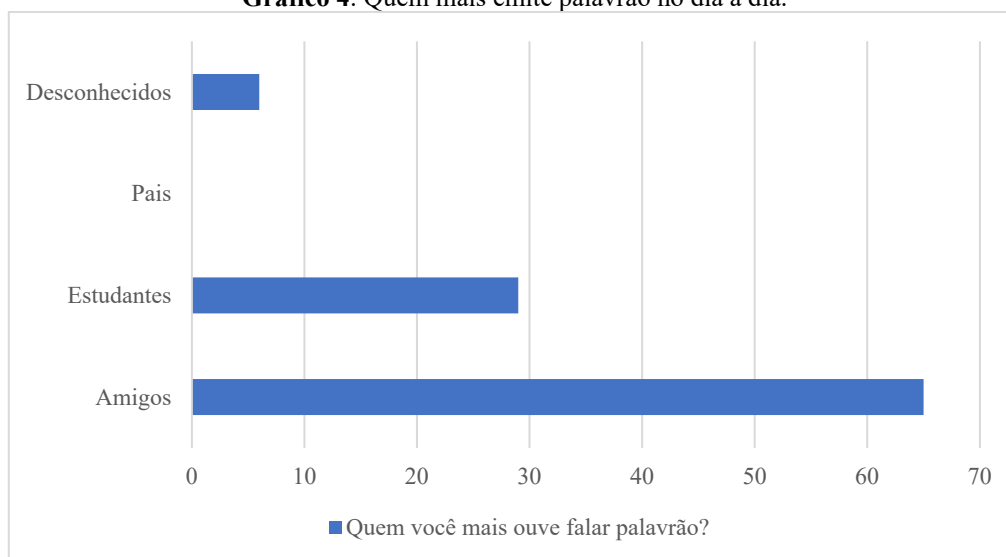
Fonte: Dados da pesquisa.

O palavrão é utilizado como instrumento para xingar o outro. “Palavrão é um grupo de palavras que são consideradas, em meio a sociedade, vulgares e desnecessárias. São utilizadas para definir exageros, para xingamentos ou para expressar raiva” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2011, [n. p.]). O resultado da investigação revelou que o uso do palavrão é um instrumento de

agressão ao outro, sendo uma expressão da violência. Assim, foi possível refletir sobre a banalização da violência que consiste ao usar o palavrão para agredir, pois, como nos diz Arendt (1999), o mal banal é realizado por indivíduos que pensam sem as devidas reflexões, sem apreciações ou análises, indivíduos que não pensam em direção ao ambiente público.

Para a questão ‘Quem você mais ouve falar palavrão?’. A maioria dos estudantes informou os amigos, em total de 65%; e por outros estudantes na escola foram 29%. Na rua, por pessoas desconhecidas indicaram apenas 6% e nenhum informou seus pais (0%). Como mostra o Gráfico 4, o palavrão é mais usado por pessoas que se consideram amigas. Isso sinaliza o quanto as relações interpessoais, a banalização do uso de palavrão e os sentimentos humanos devem ser abordados e refletidos no contexto da escola com a mediação do diálogo.

**Gráfico 4:** Quem mais emite palavrão no dia a dia.



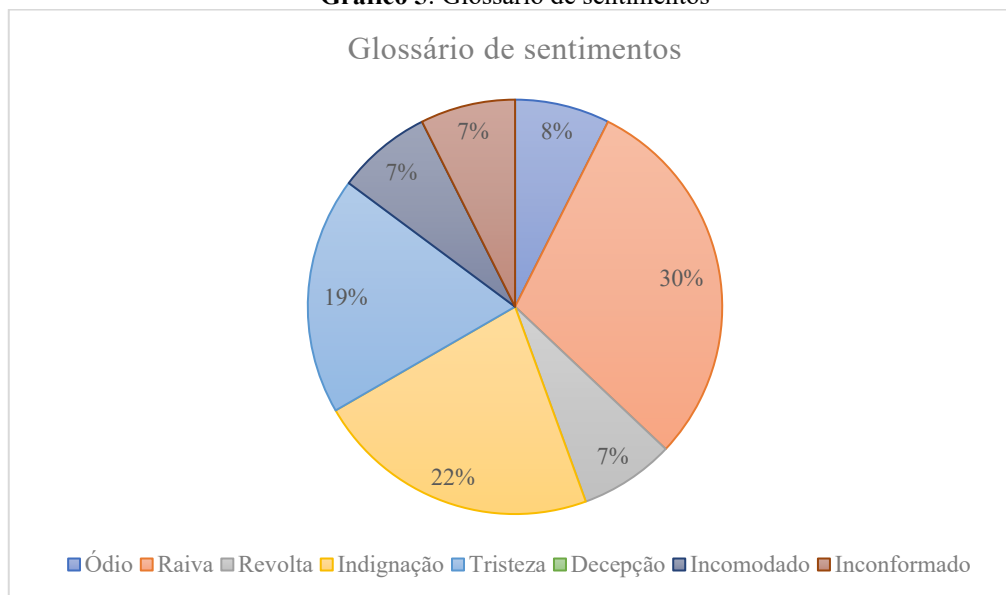
Fonte: Dados da pesquisa.

A incidência do uso do palavrão é para xingar e, mais ainda, os dados mostram que ele é verbalizado por quem se considera amigo. Uma das possíveis causas é a ocorrência de conflitos entre as pessoas, pois seu uso frequente evidencia xingamentos e ofensas linguísticas que produzem outros sentimentos, tais como: raiva, tristeza, ódio. Isso pode ser o estopim que conduz aos possíveis conflitos em que há ocorrências de disputas, agressões e de atos de violência entre os jovens.

No espaço escolar e entre amigos, ouvir o palavrão nessa situação é então visto como uma violência na qual os jovens reagem com outras violências. Tais situações de conflito ficam evidentes quando os jovens verbalizaram os sentimentos que acessam ao ouvir o palavrão como xingamento. Isso veio a mostra na elaboração do glossário de sentimentos de quem escuta o

palavrão. A leitura em voz alta dos sentimentos provocados em virtude do uso do palavrão se constituiu, na sala de aula, em um auditório social de escuta da palavra do outro e reflexão acerca dos usos do palavrão no cotidiano e na escola.

**Gráfico 5:** Glossário de sentimentos



Fonte: Dados da pesquisa

O glossário de sentimentos foi resultado da reflexão com os estudantes sobre como se sentiam quando recebiam os xingamentos através de palavrões. Cada aluno deveria registrar o sentimento, no final eles apresentavam o registro e podiam falar um pouco sobre o sentimento. Como mostra o Gráfico 5, os sentimentos mais citados pelos estudantes foram: raiva (30%), indignação (22%), tristeza 19 (%), ódio (8%), revolta (7%), incomodado (7%), inconformado (7%). Segundo os dados do glossário, os sentimentos mais recorrentes, quando recebiam os xingamentos através de palavrões, foram: raiva, indignação e tristeza. Assim, investiu-se na ideia de problematizar a temática com foco na coletividade e nas relações sociais.

Quando questionados se buscaram algum tipo de explicação sobre o significado do palavrão proferido, com vista a produzir algum tipo de racionalidade, para além das emoções que suscitam, 47% dos estudantes informaram nunca ter buscado uma explicação para o seu significado; 42% disseram ter buscado saber o significado do palavrão com êxito e 11% buscaram o sentido, porém não foram atendidos. Com isso se vê que em sua maioria os jovens não sabem o significado do que estão falando.

Suas respostas revelam que os jovens ainda possuem desconhecimento quanto ao significado do que falam, pois apenas repetem o que escutam. A investigação possibilitou: o exercício de problematização do conflito social e construção de conhecimento sobre esse tipo

de interação entre os estudantes. Vivenciar o processo de análise científica, na medida em que os estudantes participaram da elaboração, analisaram e discutiram os resultados, possibilitou uma escuta que permitiu aos sujeitos envolvidos pensar, analisar e problematizar a construção do conhecimento sobre o social, nas aulas de sociologia, a partir das suas próprias interações. Puderam, assim, observar as representações que permeiam as interações sociais e como essa é mediada pela linguagem.

### **Considerações finais**

A premissa maior é a urgência de ressignificar a concepção de língua/ linguagem a partir de uma natureza histórica, linguística e sociológica. É imperioso conceber o uso da palavra, palavrão na escola e na rua como constructos não fechados, não presos à abstração, mas como fenômenos sócio-históricos. Assim estaremos no caminho de compreender o uso do palavrão e seus conflitos nas relações sociais, até porque, na concepção bakhtiniana, o sujeito existe a partir do discurso do outro.

Com base na análise das respostas dadas pelos estudantes no questionário, é possível ressaltar algumas representações sobre a problematização referente ao uso do palavrão pelos jovens:

- O lugar onde mais escutam palavrão é na escola;
- O palavrão é utilizado como instrumento para xingar o outro;
- O palavrão é usado por pessoas que eles consideram amigos;
- Os jovens não sabem o significado do que estão falando.

Em suma, o resultado da investigação revelou que o uso do palavrão é um instrumento de agressão ao outro, sendo uma expressão da violência, assim, foi possível refletir sobre a banalização da violência que consiste ao usar o palavrão para agredir, pois como nos diz Arendt (1999), o mal banal é realizado por indivíduos que pensam sem as devidas reflexões, sem apreciações ou análises, indivíduos que não pensam em direção ao ambiente público e a coletividade, dos outros.

Na contramão, a investigação realizada em sala de aula promoveu muitas reflexões e autocrítica dos estudantes em relação ao uso frequente de palavrão na escola e em situações cotidianas, sobretudo após a realização do glossário de sentimentos. Entre riso e silêncios, eles perceberam o quanto os colegas são impactados, houve até pedido público de desculpas entre os jovens. Assim, a investigação, mediante a análise das representações do uso do palavrão nas

relações em interações entre jovens de três turmas do ensino médio em uma escola da rede pública de Belém do Pará, oportunizou o tratamento do conflito na perspectiva de uma análise científica, construindo alternativas para superar a normalização de comportamentos que provocam conflitos e geram outros comportamentos violentos.

### Referências

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Trad. J. R. Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. P. Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BOTELHO, Julia. Hannah Arendt e a “Banalidade do Mal”: aprenda o conceito! **Politize**. 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/hannah-arendt-banalidade-do-mal/>. Acesso em: 02 fev. 2023.

PALAVRÃO. *In*: DICIONÁRIO informal. 2011. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

PALAVRÃO. *In*: DICIONÁRIO online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/palavrao/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. Linguagem e alteridade nos escritos do círculo de Bakhtin. **Eutomia**, Recife, v. 21, n. 1, p. 169-184, jul. 2018.

### Sobre as autoras

**Cilene Maria Valente da Silva**: Doutora em Educação (Universidade Federal do Pará). Mestre em Sociologia (Universidade Federal do Pará). Especialista em Administração Escolar (Universidade da Amazônia). Graduada em Ciências Sociais (Universidade Federal do Pará). Atua como professora da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC-PA), em Belém, Pará. Tem experiência na área de alfabetização, formação de professores, docência no ensino superior e tecnologias de aprendizagem. *E-mail*: valentecilene@yahoo.com.br

**Lorena Bischoff Trescastro**: Doutora em Educação (Universidade Federal do Pará). Mestre em Letras (Universidade Federal do Pará). Especialista em Educação e Informática (Universidade Federal do Pará). Graduada em Letras (FUNDASUL - RS). Realiza pesquisas na área de educação, alfabetização, infância e tecnologias. Tem experiência em docência no ensino superior e formação de professores. É integrante do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia (GELPEA). *E-mail*: lbtrescastro@hotmail.com

Recebido em: 15 ago. 2023

Aprovado em: 17 nov. 2023